

“HOMEM PÓS-ORGÂNICO” OU “FRANKENSTEIN PÓS-MODERNO”? UM CASO DE AMOR & MORTE EM “BE RIGHT BACK”, DA SÉRIE *BLACK MIRROR*

**Cléber Pimentel Barbosa¹
Leonardo David de Moraes²
Ludmila Ameno Ribeiro³**

RESUMO: O objetivo desse texto é propor, a partir do episódio “*Be right back*”, da série de TV britânica *Black Mirror*, a análise de possíveis representações do “homem pós-orgânico” inserido em um contexto no qual a “técnica”, no sentido cunhado por Umberto Galimberti, exerce influência em diversas instâncias da vida e morte desse sujeito através dos “dispositivos”, na perspectiva de Giorgio Agamben.

Palavras-chave: dispositivo; homem pós-orgânico; técnica.

“POST-ORGANIC MAN” OR “POST-MODERN FRANKENSTEIN”? A LOVE AND DEATH AFFAIR IN “BE RIGHT BACK”, ONE OF *BLACK MIRROR* EPISODES

ABSTRACT: The text is based in one of the episodes of *Black Mirror*, the English TV series. In order to compose my analysis, I adopted the concepts ‘post -organic man’ and ‘technique’, in the light of Umberto Galimberti, according to whom, such tropes chiefly influence different circumstances in the life and death of these subjects of ‘devices’, given that ‘devices’ are responsible for modifying society, as presented by Giorgio Agamben.

Keywords: devices; post-organic man; technique.

É cada vez mais evidente, no atual contexto sócio-histórico, a influência que a “técnica”, tal como proposta pelo filósofo italiano Umberto Galimberti⁴, vem exercendo sobre a vida

¹ Mestrando em Estudos de Linguagens, CEFET-MG. cleberpbarbosa2006@yahoo.com.br

² Mestrando em Estudos de Linguagens, CEFET-MG. leodemorais@gmail.com

³ Mestranda em Estudos de Linguagens, CEFET-MG. ludmilaameno9@yahoo.com

⁴ Segundo Galimberti em *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*, “com o termo técnica entendemos tanto o universo dos meios (as tecnologias), que em seu conjunto compõem o aparato técnico, quanto à racionalidade que

biológica nos seus mais variados aspectos. Desde o momento da concepção, passando pelo crescimento e desenvolvimento do corpo humano – rumo a uma otimização que parece infindável – até o prolongamento do seu tempo útil de vida, a “técnica”, a partir do conhecimento científico, parece ter suplantado o lugar que o mito, a religião, e mesmo as ciências ocupavam há pouco tempo em relação àquilo que é chamado de condição humana ou “pós-humana”.

Mas o que seria exatamente essa condição “pós-humana”, a que a humanidade atual estaria submetida, segundo suspeitamos? De acordo com Lucia Santaella, a “condição pós-humana diz respeito à natureza da virtualidade, genética, vida inorgânica, ciborgues, inteligência distribuída, incorporando biologia, engenharia e sistemas de informação” (SANTAELLA, 2007, p. 129).

Nesse sentido, o enredo de um dos episódios da série britânica *Black Mirror*, intitulado “*Be Right Back*” – algo como “volte logo”, em língua portuguesa – de acordo com nossa hipótese, traz à tona justamente o problema de se definir, ou melhor, redefinir a atual condição humana ou “pós-humana” em relação à questão de uma obsedante maximização das potencialidades do corpo biológico no contexto pós-moderno. “*Be right back*” vai além e problematiza uma questão considerada tabu, principalmente com o advento da modernidade: a falência do corpo biológico. Um movimento de falência que, inexoravelmente, desemboca no aniquilamento das funcionalidades do corpo através da morte do mesmo.

Em “*Be right back*”, um jovem casal é vítima de uma tragédia cotidiana: o jovem Ash e sua namorada Martha, uma *designer* gráfica, moram juntos no subúrbio londrino em uma casa herdada por Ash. A tragédia se materializa na trama a partir do momento em que Ash sofre um fatal acidente de carro quando se deslocava justamente de casa para o trabalho. Em luto, devastada pela dor e inconformada com a perda prematura do companheiro, Martha, através de uma amiga que também passara por uma experiência semelhante, descobre não apenas uma maneira de amenizar a falta de seu agora falecido namorado Ash, mas, de certo modo, de trazê-lo de volta à vida: por meio de uma empresa que desenvolve e comercializa um *software* com a capacidade de compilar todos os dados que uma pessoa disponibilizava na internet tais como *e-mails*, fotos, vídeos, chamadas telefônicas, *posts* em redes sociais etc. Assim, Martha evoca a presença do falecido companheiro do universo virtual através do espólio digital de Ash. Via

preside o seu emprego, em termos de funcionalidade e eficiência. Com essas características, a técnica nasceu, não como expressão do “espírito” humano, mas como “remédio” à sua insuficiência biológica” (GALIMBERTTI, 2010, p. 9.)

inteligência artificial tamanha, capaz de interagir com Martha por meio do computador ou do *smartphone*, a viúva/protagonista, que se descobre grávida do namorado, tenta conseguir amenizar a falta de Ash com essa espécie de simulacro⁵.

Não satisfeita com as longas conversas com esse novo Ash incorpóreo, cuja presença se dava nas “nuvens” – *clouds*⁶–, Martha ousou transgredir os limites da mortalidade, em sua tentativa de ignorar ou negar a morte de Ash, tal qual o doutor Frankenstein, na obra de Mary Shelley. A protagonista decide, como sugerido pelo próprio Ash virtual, optar pelo próximo nível dos serviços oferecidos pela empresa que resgatara as cinzas⁷ digitais do namorado na *web*: encomenda um clone orgânico, baseado no DNA de Ash e, portanto, idêntico fisicamente a ele, carregando consigo todos os dados relativos à sua vida pregressa, advindos da internet, além de outros fornecidos pela própria Martha, como fotografias e histórias pessoais.

Aqui cabe pontuarmos uma espécie de dependência de Ash relativa aos *gadgets* tecnológicos, especificamente o *smartphone* com acesso à internet e suas redes sociais. Antes de morrer, a presença de Ash na parte inicial da trama gira em torno da relação obsessiva dele para com a satisfação que o aparato tecnológico lhe proporcionava, muitas vezes em detrimento de dar o mínimo de atenção ou carinho a sua namorada Martha. O conceito de “dispositivo”, desenvolvido pelo filósofo Giorgio Agamben a partir de uma ideia de “dispositivo discursivo”, já estabelecida por outro filósofo, Michel Foucault, parece ser adequado para problematizarmos esse comportamento cada vez mais hodierno, exemplificado na trama através do personagem Ash:

[...] chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é

⁵ O conceito de “simulacro” ao qual nos referimos é o proposto pelo filósofo Jean Baudrillard. Segundo Baudrillard, o conceito de “simulacro”, que deriva do ato ou do efeito de simular algo “já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiperreal” (BAUDRILLARD, 1991, p. 8).

⁶ “Computação em Nuvem, como o próprio nome sugere, engloba as chamadas nuvens, que são ambientes que possuem recursos (*hardware*, plataformas de desenvolvimento e/ou serviços) acessados virtualmente e de fácil utilização. Esses recursos, devido à virtualização, podem ser reconfigurados dinamicamente de modo a se ajustar a uma determinada variável, permitindo, assim, um uso otimizado dos recursos” (VAQUERO *et al.*, 2009, p. 50).

⁷ Interessante notar que o vocábulo “*ash*”, homônimo do nome dado a um dos personagens da trama, em língua inglesa pode ser traduzido pelo termo “cinzas” ou “pó”. Nesse sentido, entrevê-se uma alusão ao imaginário judaico-cristão. Na *Bíblia Sagrada* (1980), especificamente no “Livro de Gênesis”, há uma referência ao aspecto perene da condição humana sob o prisma de tal dogma: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.” (Gênesis 3:19, 1980, p. 28)

num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares – e por que não? – a própria linguagem (AGAMBEN, 2012, pp. 40-41).

Ora, nesse sentido, fica evidente que a obsessão de Ash para com os “dispositivos” não é apenas um *modus operandi* restrito ao âmbito ficcional. As atitudes do personagem, condicionadas justamente por um “dispositivo”, o *smartphone*, podem ser tranquilamente associadas ao cotidiano de milhões de pessoas atualmente, que, tal como Ash, deixam-se capturar docilmente pelas especificidades desse e de outros “dispositivos” semelhantes, que direcionam o comportamento, a vivência real de toda uma geração que parece operar maquinalmente sob a égide da tecnologia, das quase sacrossantas predições vaticinadas pela “técnica”.

Após plasmar em carne e osso o conjunto de dados referentes a Ash, a protagonista Martha, com o tempo, descobre, através das atitudes quase infantis ou mesmo automatizadas do clone, que aquilo que tinha diante de si não era exatamente um ser humano na melhor acepção do termo, e que seu namorado realmente se fora. O que ela tinha agora como companhia era apenas um “simulacro” composto pelas informações biológicas e dados digitais replicados em um “corpo pós-orgânico” construído à imagem e semelhança de seu falecido namorado.

Paula Sibilia, ensaísta e pesquisadora de questões relacionadas ao ‘homem pós-orgânico’, teceu considerações pertinentes ao que seria, ou melhor, de como poderia se constituir o ‘corpo’ desse novo ‘homem pós-orgânico’: “Numa perspectiva perfeitamente alinhada com o paradigma digital [...] é a informação que constitui a ‘essência do ser’ e irá determinar a confusa fronteira entre a vida e a morte” (SIBILIA, 2002, p. 52).

Aterrada com o fato de que o clone não passara de uma réplica, um ser de carne e osso construído a partir das características biológicas de Ash, mas longe de ter a complexidade usualmente atribuída à condição humana do namorado ou mesmo de qualquer outro ser humano conhecido, a protagonista Martha ordena-lhe que cometa suicídio, pulando de um penhasco, numa tentativa de se redimir dessa obsessão pelo antigo parceiro. Nesse momento, o clone, regido pela inteligência artificial, exerce novamente sua autoconsciência e pede pela própria vida. O choro do clone de Ash, implorando por misericórdia, se mescla ao grito de desespero, talvez de remorso, emitido por Martha.

O episódio “*Be right back*”, a essa altura, revela mais uma semelhança com a narrativa concebida por Mary Shelley, uma vez que a criatura, não correspondendo satisfatoriamente aos

desejos do seu criador, acaba sendo renegada por ele. Na trama idealizada pela escritora oitocentista, o cientista Frankenstein rejeita sua criação, assim como a personagem Martha:

– Porque insistes em recordar esses fatos – respondi eu – dos quais sou origem e autor, e que só de pensar me dão calafrios? Maldito seja o dia em que viste a luz pela primeira vez! Malditas (embora eu amaldiçoe a mim mesmo) as mãos que te criaram. Tu me desgraçaste além do que se possa imaginar. Não me deixaste o poder de pensar se sou ou não justo. Vai-te! Livra-me da visão de tua forma odiosa (SHELLEY, 2001, p. 95).

Conforme já demonstramos, uma série de fatores leva a personagem Martha a evocar, através da “técnica”, um papel de “demiurgo”, ou seja, a função de “deus criador”, de acordo com os platônicos. “Demiurgia” essa que funciona bem como metáfora da atual “condição pós-humana” na qual o “homem pós-orgânico”, paradoxal e intensamente fragilizado e aperfeiçoado, encontra-se em um espaço de não pertencimento: “[...] o corpo torna-se objeto de um ressentimento que surge do fato de ele não ser uma invenção técnica, pois somente o corpo revisado e corrigido pela técnica seria digno de valor” (SIBILIA, 2003, p. 96).

Tradicionalmente a sociedade ocidental apresenta dificuldades em aceitar a morte do corpo como estágio natural da vida.⁸ Ainda que rituais como os funerais representem e marquem o processo de despedida de alguém, há uma grande resistência em suportar a morte e vivenciar o luto. Nesse sentido, em “*Be right back*”, a atitude de negação da morte de Ash cultivada pela personagem Martha pode ser vista como uma representação, no âmbito ficcional, desse processo de negação do fim do ciclo da vida biológica.

Esse processo de vivência da perda é considerado normal. Segundo a psiquiatra suíça-americana Kübler-Ross (1996), existem cinco estágios que caracterizam o luto, a saber: a negação, a raiva, a barganha, a depressão e, por fim, a aceitação. Esses estágios são universais e experimentados por pessoas que passam por um processo de perda. Não ocorrem numa ordem certa, mas tais sentimentos costumam gerar algum conforto ao seu término.

A relutância de Martha em aceitar a morte definitiva do parceiro ao invés de vivenciar o

⁸ Para amenizar a dor proporcionada pela morte de algum ente querido, cientistas do Massachusetts Institute of Technology (MIT) pesquisam um aplicativo que possibilite a seus usuários “falar com os mortos”. Esse aplicativo possibilitará a “conversa” entre os vivos e os mortos por meio do resgate de todo e qualquer informação ou dado registrado a partir da *web* que seja relacionado ou que tenha sido inserido pelo morto em vida. O objetivo principal desse *software* seria o de consolar os que se atormentam com a ausência de um ser amado e ao mesmo tempo, manter viva a memória do falecido para que outras gerações tomem conhecimento de quem essa pessoa foi em vida. Disponível em: <<http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/mundo/2014/02/10/288217/especialistas-desenvolvem-aplicativo-para-falar-com-os-mortos>>. Site Oficial: <<http://eterni.me/>>. Acesso em: 12/02/2014.

luto faz com que ela, tal qual Ash em vida, seja seduzida por um “dispositivo”, enquanto facilitador tecnológico, sendo o mesmo, neste caso, o clone biológico. Um ser capaz de armazenar não as memórias de Martha junto a Ash e vice-versa, mas, sim, uma memória fragmentada, formada por algumas vivências isoladas de seu namorado, capturadas e registradas através das mídias digitais e inscritas em um corpo biológico, conectado à *World Wide Web*. O clone começa a despertar em Martha a consciência de que as memórias desse “simulacro” nada mais eram do que apenas parte de uma colcha de retalhos que nunca seria inteiriça novamente.

As memórias inseridas nesse clone orgânico (talvez pós-orgânico), tal como o corpo da criatura, reconstruído pelo doutor Frankenstein na narrativa gótica de Mary Shelley, são constituídas por fragmentos, dados e informações. Tal fato corrobora essa hipótese metaforizada em “*Be right back*”: de que, no atual contexto, o sujeito contemporâneo constitui-se de informações fragmentadas e picotadas, conforme sugere Sibilía (2002, p. 52).

O conflito vivido por Martha, ao tentar perpetuar antigas experiências com o companheiro, relaciona-se com um clone, ratificando a ideia de que a negação da morte seja algo latente no mundo de hoje, onde o inconformismo do ser humano acerca da falência de corpos orgânicos permanece o mesmo de outrora. Sendo que, talvez agora, cada vez mais inconveniente, o “[...] luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (FREUD, 2006, p. 56). Para o autor:

Em que consiste, portanto, o trabalho que o luto realiza? [...] O teste da realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. Essa exigência provoca uma oposição compreensível — é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena. Esta oposição pode ser tão intensa, que dá lugar a um desvio da realidade e a um apego ao objeto por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo. Normalmente, prevalece o respeito pela realidade, ainda que suas ordens não possam ser obedecidas de imediato. São executadas pouco a pouco, com grande dispêndio de tempo e de energia catexial, prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido. Cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas (FREUD, 2006, p. 57).

Em “*Be right back*”, é possível identificar, nas atitudes de Martha, a negação do processo desse luto freudiano com a substituição da dor e a perda pelo consolo sexual proporcionado pelo

clone. O luto, ainda de acordo com o psicanalista suíço, apesar de gerar sofrimento, serve para mostrar ao indivíduo sua nova situação, em que algo ou alguém outrora importante não se faz mais presente.

Para Freud (2001), morte e amor estão associados, já que as duas pulsões de vida e de morte –Eros e Thanatos– serão experimentadas durante a vida, e qualquer ser humano será surpreendido repentinamente por esses. A partir do prisma da mitologia freudiana, com a morte de Ash, Martha experimentou o abandono de Eros, que simboliza a experimentação do amor e a apreciação do belo. Martha, entregue a partir daquele momento a Thanatos, teve muitas dificuldades em lidar com a perda do ser amado, sendo obrigada a experimentar o abandono de Eros, representado por Ash.

Em consonância com Freud, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2004) afirma que o amor e a morte são eventos atemporais e primordiais à essência da vida de qualquer indivíduo. Assim, não há como aprender a morrer, a não ser observando a morte pela vivência alheia, diferentemente da ideia de amor, cuja única forma de conhecê-lo se dá através da experiência amorosa.

Martha encontrava em Ash sua estabilidade emocional, prazer e estímulo para a própria existência. Ao perdê-lo, ainda grávida, ela deixa de ter seu porto seguro, causando uma crise que a leva a negar a morte do parceiro substituindo este corpo orgânico, falho, por um “pós-orgânico”, pretensamente infalível. Talvez essa atitude da personagem Martha possa ser lida à luz do que assegura Fisher (2006). Segundo a autora, o que proporciona o elo entre os indivíduos é essa capacidade de serem envolvidos pelo amor romântico e, juntos, os parceiros reprodutores estarem dispostos a zelar pelo ninho, bem como sua prole, permanecendo unidos por um tempo suficiente que permitiria a conservação da espécie.

A morte de Ash significou para Martha o fim desse seu elo amoroso, idealizado a partir da cumplicidade e da afinidade que havia encontrado junto a seu amado. Esse tipo de ligação é por Bauman (2004) classificada como uma espécie de amor ortodoxo, fora de moda, onde os parceiros dispensam o uso de máscaras que permitem disfarçar e esconder o que não se é. Para o autor, a modernidade, que ele considera líquida, dilui experiências como as vividas por Martha e Ash; experiências em que se atribui ao amor a capacidade de sentir, vivenciar e procriar como algo constituinte do compromisso entre ambos, e não um efeito colateral de uma simples união

sexual⁹.

A relação entre Martha e a versão clonada de Ash, conforme mencionado, era uma relação virtual, que se dava por meio do *smartphone* e do computador, o que mais uma vez nos remete a Zygmunt Bauman. Para o pensador, as relações virtuais da pós-modernidade são aquelas construídas para suprir as necessidades do mundo moderno, relações fáceis de serem conectadas ou desconectadas, opondo-se às relações reais, lentas, pesadas e, às vezes, um tanto confusas:

Uma relação de bolso, diz Jarvie, é doce e de curta duração. Podemos supor seja doce porque tem curta duração, e que sua doçura se abrigue precisamente naquela reconfortante consciência de que você não precisa sair do seu caminho nem se desdobrar para mantê-la intacta por um tempo maior. De fato, você não precisa fazer nada para aproveitá-la. Uma ‘relação de bolso’ é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade (BAUMAN, 2004, p. 18).

A condição pós-humana elucidada na série, também inserida na pós-modernidade, passa a fomentar as metaforizadas relações de bolsos – de curta duração, de fácil conectividade e desconectividade, disponíveis e isentas de paixão – assim como apontado por Bauman (2004). O mesmo autor, ainda circunscrito ao tema, faz uma associação entre o amor e o investidor financeiro, em que, quanto menor o investimento sentimental, menor o prejuízo emocional. A certa altura da narrativa fílmica, percebe-se que a relação que Martha consegue ter com o clone exemplifica bem esse tipo de envolvimento, por encontrar nele a disponibilidade de preenchimento emocional; a possibilidade de sentir com o mesmo a satisfação momentânea de se estar com alguém e poder desfrutar de uma conexão sexual.

O suplício da perda vivenciado por Martha é amenizado no decorrer da trama com a presença do simulacro de Ash, clonado e plasmado em um corpo biológico aperfeiçoado, “pós-orgânico”. Nessa relação, a personagem reencontra a satisfação sexual, mas, paradoxalmente, esta passa a ser a única conexão com o corpo impessoal. Isso talvez porque a performance sexual do clone fosse, hipoteticamente, bem mais satisfatória do que a do finado companheiro da protagonista.

Nota-se que, em “*Be right back*”, a única função plenamente exercida pelo clone, ainda

⁹ O que Bauman descreve como efeitos colaterais dos relacionamentos da atualidade é uma falta de compromisso, entrega verdadeira, amar com humildade e coragem. Para o autor todas as épocas da humanidade, o celibato, monogamia, ou promiscuidade não seriam a solução para que a união entre os sexos fosse realmente satisfatória. O que deveria prevalecer é a capacidade de entrega e compromisso entre os seres ao se renderem ao amor. (BAUMAN, 2004).

que maquinalmente, é satisfazer a libido de Martha. Essa mecanicidade sexual é descrita por Michel Foucault (2005) como algo inerente ao papel que o sexo e as relações sexuais ocupam no atual contexto: “dispositivos”. “Dispositivos” que orientam a forma de ser e a razão que fundamenta as relações humanas, além das respectivas interações sociais e trocas sentimentais. Analogamente, Bauman (2004) afirma que a ciência sexual promete alívio terapêutico por meio do ato sexual isento de paixão, proporcionando também uma fuga que consome os seres e ilude os mesmos por meio de espasmos proporcionados pelo ato sexual. Enfim, nesse sentido, pode ser aventada uma possível representação em “*Be right back*”, não propriamente da ideia de amor romântico, mas da libido, do ato sexual como um “dispositivo” capaz de capturar, de enredar a todos aqueles que, ingenuamente ou não, servem-se dele.

O amor, se analisado a partir de uma perspectiva tradicional do amor romântico, é uma construção fundamentada na convivência, na troca, na entrega verdadeira de sentimentos, em que as relações sexuais são consequência de se ter estabelecido oportunidades de amar antes mesmo de experimentar tal sentimento. Em contrapartida, no contexto pós-moderno, contemporâneo, atua, numa ‘técnica’ materializada através dos ‘dispositivos’, esse ‘homem pós-orgânico’ que se debate numa busca incessante de satisfação imediata para amealhar resultados rápidos, que minimizem esforços e maximizem os prazeres. Prezando-se a rotatividade de parceiros somada à velocidade, à voracidade de consumir o que está fora, além de si, o sexo é considerado, dessa forma apenas, simples produto para corpos prontos a serem consumidos (Cf. FOUCAULT, 2005; BAUMAN, 2004).

Tentando responder à questão proposta no título deste trabalho, propusemos a ideia de que, no atual contexto contemporâneo, o corpo humano está sendo rapidamente aperfeiçoado, quando não substituído, tornando-se cada vez menos orgânico, menos humano e, paradoxalmente, mais pós-orgânico em termos metafóricos, lendo ‘pós-organicidade’ como condição de impessoalidade a partir de determinadas máximas impostas aos indivíduos e seus respectivos corpos por dispositivos regidos pela voracidade da técnica.

Deixando de ser um mistério, o corpo pós-orgânico do homem atual, tal qual a “um monstro do Frankenstein pós-moderno”, sendo considerado constituído primordialmente de fragmentos diversos, de vários dados, de um sem-número de informações. A disseminação dessa linha de pensamento que apregoa um paralelismo entre informação e corpo tem trazido à tona, nas discussões sobre ética e vida, justamente a hipótese de que a superação da morte biológica pudesse ser possível, considerando a hipótese de que, se o corpo constitui-se basicamente de

informação, enquanto identidade, logo, ele poderia ser replicado infinitamente.

Nesse sentido, em “*Be right back*”, a negação da morte/luto por parte da protagonista Martha em relação ao personagem Ash, através da substituição de um corpo morto por um simulacro, pode ser lida como uma crítica alegórica à excessiva valorização de o que, segundo Hermínio Martins, seria o ‘pensamento fáustico’¹⁰, hoje praticamente entendido como um dos paradigmas intimamente ligados à ‘técnica’, no sentido proposto por Galimberti. Paradigmas de pensamento que regem as ciências no atual contexto com o sentido de solapar a ideia de falibilidade do corpo humano, biológico, a qualquer custo, submetendo esses mesmos corpos, através dos ‘dispositivos’, às relações ‘líquidas’ atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: _____. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2013, pp. 55-73.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacro e simulação*. Lisboa: Relógio d’água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980.
- BROOKER, Charlie. *Be right back*. In: _____. *Black Mirror*. Dirigido por Owen Harris. Londres: Endemol; Zeppotron, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.
- FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- _____. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.
- GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne: o homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar aos médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

¹⁰“Que tipo de saber é aquele que entende o corpo humano como uma configuração orgânica condenada à obsolescência, convertendo-o em um objeto da pós-evolução? [...] seguindo os estudos do sociólogo Hermínio Martins, que se trata de uma tecnociência de vocação fáustica, cuja meta consiste em ultrapassar a condição humana” (SIBILIA, 2006, p. 42).

SANTAELLA, Lúcia. Pós-humano por quê? *Revista USP*, São Paulo, n. 74, pp. 126-137, jul./ago. 2007.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologia digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

VAQUERO, L. M.; MERINO-RODERO, L.; CACERES, J.; LINDNER, M. A Break in the Clouds: Towards a Cloud Definition. *ACM SIGCOMM Computer Communication Review*. vol. 39, n. 1, pp. 50-55, jan. 2009.

Recebido em 04/08/2014.

Aceito em 20/12/2014.